

***Language attrition* afecta a competência sintáctica de falantes bilingues?**

Cristina Flores
Universidade do Minho

1. Introdução

O presente estudo tem como escopo central aproximar-se de uma questão crucial da investigação desenvolvida no domínio do bilinguismo: É possível um falante perder uma língua que adquiriu de forma natural durante a infância? Esta problemática, debatida sob a corrente de investigação denominada *language attrition*¹, tem sido abordada com base em dois tipos diferentes de falantes: 1) falantes que sofreram lesões cerebrais (por exemplo afasia); 2) falantes bilingues, que adquiriram duas línguas de forma natural, mas que, a partir de certa altura da sua vida, ficaram privados do contacto com uma das línguas. Este domínio não-patológico constitui o nosso ponto de partida. Com base num *corpus* de transcrições de situações comunicativas envolvendo emigrantes de segunda geração, que cresceram num país de expressão alemã e regressaram a Portugal, pretendemos analisar possíveis fenómenos de perda da competência linguística em falantes bilingues luso-alemães sem contacto regular com a língua alemã.

Apesar dos estudos realizados no âmbito de *language attrition* (para uma visão geral cf. Köpke e Schmid, 2004) não apresentarem um quadro claro quanto à natureza do fenómeno de perda de competência, é possível retirar uma conclusão mais ou menos consensual: os diferentes domínios linguísticos são afectados com diferente intensidade por este fenómeno. Os domínios mais vulneráveis parecem ser o léxico e a morfologia. No caso do alemão, língua com um sistema morfológico verbal e nominal muito complexo, vários autores (Schmid, 2002; Altenberg, 1991) atestam que a reestruturação morfológica em situação de erosão afecta sobretudo a marcação de caso, de género e a formação do plural. Na morfologia verbal, os aspectos mais susceptíveis de sofrerem erosão são as formas marcadas, como a conjugação verbal irregular ou a escolha do verbo auxiliar na formação do perfeito. O domínio lexical é aquele onde mais facilmente se encontram interferências, uma vez que parece ser uma das primeiras áreas afectadas após perda de contacto com a língua (Olshtain e Barzilay, 1991), embora estas dificuldades pareçam dever-se mais à falta de “controlo” (no sentido de Sharwood Smith e van Buren (1991), que o definem como “the on-line processing of knowledge”,

¹ Não existindo (ainda) um termo equivalente no Português, doravante utilizaremos o conceito “erosão linguística” para designar o fenómeno de “*language attrition*”.

p.18), isto é, parece dever-se mais a problemas de acesso ao vocabulário que a uma redução efectiva do sistema lexical.

Menos consensual é a questão da perda de competência sintáctica. Os resultados obtidos neste âmbito são contraditórios e inconclusivos. Isto deve-se, por um lado, à diversidade metodológica com a qual os vários estudos realizados se aproximam desta questão, utilizando por exemplo diferentes tipos de testes. Por outro lado, prende-se com o objecto de estudo em si. Se seguirmos a visão chomskiana da faculdade da linguagem, a perda de competência sintáctica deveria ser um fenómeno marginal. Segundo Chomsky (1981), a aquisição da língua é um processo contínuo de fixação de princípios inatos (da Gramática Universal) a valores próprios da língua materna que a criança está a adquirir. Concluída esta fase de maturação, os parâmetros sintácticos fixados não voltam a ser apagados. Este processo é igualmente válido na aquisição bilingue de duas línguas primárias. Como têm apontado muitos autores (Meisel, 2001), a nossa faculdade linguística não se restringe à aquisição de uma única língua: a exposição natural a mais que uma língua durante a fase de maturação linguística permite à criança adquirir naturalmente duas ou mais línguas. A maioria dos autores concorda que este processo de aquisição bilingue decorre de forma independente e sem mistura dos dois (ou mais) sistemas gramaticais (Meisel, 2001; Köppe, 1997). Se a aquisição bilingue decorre de forma contínua, mantendo-se o *input* por parte das duas línguas, concluído este processo, a criança bilingue com duas L1 possui dois sistemas sintácticos autónomos, idênticos aos sistemas de crianças monolíngues. Mesmo a aquisição sucessiva de duas línguas, se decorrer em fase precoce da infância, parece seguir as etapas de desenvolvimento linguístico característico da aquisição monolíngue (*vide* Rothweiler, 2006; Ahrenholz, 2006).

Impõe-se, portanto, analisar a seguinte questão: uma vez adquiridos os parâmetros sintácticos fixados nos valores de uma língua, será possível que se apaguem por falta de uso da mesma?

2. O estudo

2.1. Participantes

No âmbito de um projecto de investigação financiado pela FCT, desenvolvido na Universidade do Minho,² foram feitas entrevistas a ex-emigrantes de segunda geração: filhos de emigrantes portugueses na Alemanha ou na Suíça, que cresceram no país de acolhimento e adquiriram o português e o alemão de forma natural (muitas vezes falando português em casa e o alemão na escola) e que, entretanto, vieram para Portugal. Restringindo o grupo de observação a falantes que nasceram no país de acolhimento ou emigraram até aos três anos de idade, foi controlado o factor 'forma de aquisição'. Todos os informantes tiveram o primeiro contacto activo com o alemão até

² POCI/LIN/59780/2004 – O bilinguismo luso-alemão no contexto europeu, com apoio do Programa Operacional e Inovação 2010.

aos três anos de idade, o que permite defini-los como ‘bilíngues precoces’³. Ora, o que varia neste grupo de investigação é a idade de regresso a Portugal e a frequência de contacto com o alemão após o regresso. Não querendo explorar exhaustivamente a tipologia de critérios que podem influenciar o processo de erosão (para uma visão geral cf. Schmid, 2002), os factores ‘idade de regresso’, ‘período sem contacto’ e ‘frequência de contacto após o regresso’ são aqueles que parecem influenciar mais a ocorrência de processos de perda e que permitem definir vários tipos de falantes:

Tipo 1: falantes que se mudaram para Portugal entre os sete e os dez/onze anos de idade e que tiveram um contacto muito reduzido com a língua alemã após o regresso. Isto significa que deixaram de utilizá-la como língua de comunicação no dia-a-dia – por exemplo na interacção com os irmãos, como era frequente no país de acolhimento – tendo, em muitos casos, apenas um contacto passivo através da televisão.

Tipo 2: falantes que vieram para Portugal a partir dos onze/doze anos de idade, ficando privados do contacto com a língua alemã após a mudança de país de residência.

Tipo 3: falantes que regressarem há pouco tempo e/ou, regressando em fase mais precoce, mantiveram um contacto activo com a língua, utilizando-a no seu dia-a-dia.

Para o presente estudo foram seleccionados três falantes de cada um dos tipos definidos:

Falantes do tipo 1: Eunice, Sofia e Irene⁴

Irene tem dezoito anos e frequenta o 12º ano do ensino secundário português. Emigrou com os pais para a Alemanha aos três anos de idade, tendo ingressado logo num infantário público. Frequentou a escola alemã até ao quarto ano de escolaridade. Tinha dez anos quando regressou com os pais a Portugal. Como a generalidade dos falantes bilíngues investigados, durante o período de emigração, utilizava o português na interacção com os pais e na escola portuguesa, mas o alemão era a língua predominantemente utilizada no dia-a-dia. Com o regresso a Portugal perdeu por completo o contacto com a língua alemã.

Sofia tem vinte anos e é aluna da Universidade do Minho. Nasceu na parte alemã da Suíça e foi muito cedo para o infantário. Frequentou a escola suíça até ao segundo ano de escolaridade, tendo regressado a Portugal com nove anos de idade. Deixou de utilizar o alemão como língua de comunicação logo após o regresso a Portugal. Depois do regresso (há onze anos), a entrevista foi o primeiro momento em que utilizou o alemão de forma activa para comunicar.

Eunice tem dezoito anos e frequenta o 12º ano de escolaridade. Tinha um ano quando emigrou com a família para a Suíça, onde frequentou o infantário e posteriormente o primeiro ano do ensino básico. Regressou a Portugal aos sete anos de idade. Tem duas irmãs mais velhas, com as quais comunicava em Alemão enquanto

³ Muitos dos autores que estudam o “bilíngüismo simultâneo” defendem uma concepção bastante restrita da aquisição simultânea de duas línguas primárias, impondo como condição para a definição de bilíngüismo simultâneo que a criança tenha *input* de ambas as línguas desde a nascença (ou até um mês a seguir ao nascimento), *vide* de Houwer, 1990. Com o intuito de nos afastarmos um pouco desta visão restrita é usado o termo “bilíngüismo precoce” para referir a aquisição da segunda língua em fase precoce da infância (até aos três/quatro anos de idade).

⁴ Os nomes verdadeiros dos falantes foram substituídos por pseudónimos.

vivia na Suíça, mas, após a vinda para Portugal, as três irmãs deixaram de utilizar o alemão como língua de comunicação. Tal como no caso das outras duas falantes, a entrevista foi o primeiro momento de interacção em alemão após a mudança para Portugal.

Falantes do tipo 2: Paula, Carlos, Inês

Paula tem vinte anos de idade, nasceu na Suíça e voltou a Portugal com doze. Tem duas irmãs com as quais comunicava em alemão enquanto viveu no país de emigração, hábito que se foi perdendo após o regresso. Actualmente mantém apenas contacto receptivo com o alemão.

Carlos tem vinte e dois anos de idade, nasceu na Alemanha e vive em Portugal há oito anos. Tem contactos esporádicos com o alemão quando comunica com amigos residentes na Alemanha ou alemães que encontra em Portugal.

Inês tem trinta e quatro anos, cresceu na Alemanha e regressou a Portugal com a família aos doze anos. Frequentou a disciplina de Alemão no ensino secundário português e trabalhou numa empresa alemã até aos vinte e quatro anos. Desde então nunca mais falou alemão.

Falantes do tipo 3: Sérgio, Célia, Adriana

Sérgio tem quinze anos, cresceu na Alemanha, onde frequentou a escola até ao oitavo ano de escolaridade. Regressou a Portugal com os pais há seis meses e frequenta actualmente o nono ano de uma escola básica. O alemão continua a ser língua de comunicação com o irmão mais novo.

Célia tem vinte e um anos, cresceu na Alemanha, onde acabou de fazer o *Abitur* (13º ano). Regressou a Portugal há seis meses para ingressar num curso de ensino superior com a vertente “Germanística”. O alemão é língua de comunicação com amigos bilingues residentes em Portugal e amigos e familiares ainda residentes na Alemanha.

Adriana tem trinta anos, cresceu na Alemanha, onde concluiu o ensino secundário (10º ano) e um curso de formação profissional. Aos vinte e sete anos regressou a Portugal. Vai frequentemente à Alemanha e usa o alemão na comunicação com os amigos bilingues residentes em Portugal, os familiares ainda residentes na Alemanha e no local de trabalho.

2.2. Constituição do corpus

Todos os participantes foram submetidos ao mesmo tipo de exercícios, conduzidos em língua alemã. Numa primeira entrevista, os falantes são convidados a falarem do seu percurso biográfico e sobre o facto de serem bilingues. Num segundo exercício oral, o participante é confrontado com imagens que retratam diferentes temas sociais, os quais deve comentar, comparando a sua vivência no país de emigração e em Portugal. Os exercícios são completados com a narração de uma história e a descrição de uma imagem. Toda a produção oral foi gravada e posteriormente transcrita.

Para efeitos de análise, foram contabilizadas todas as orações produzidas em alemão. Das orações parcialmente produzidas em alemão (com misturas do português), apenas foram contabilizadas aquelas que contêm o Verbo em alemão.

2.3. Propriedade sintáctica em análise

Entre outras propriedades, o alemão difere do português em dois aspectos fundamentais:

I – É uma língua OV. O VP é de núcleo final e os complementos precedem V^o. Em orações encaixadas, o verbo está na sua posição-base no final da frase.

II – É uma língua V-2. Isto significa que, nas orações-raiz, o verbo se move para a posição Comp^o, passando a ocupar a segunda posição da frase.

Neste estudo irei concentrar-me no fenómeno V-2. Várias propriedades sintácticas do alemão estão relacionadas com este fenómeno, entre as quais a obrigação de ocupar a primeira posição da frase (Spec,CP ou o 'pré-campo') com apenas um elemento sintáctico. Esta restrição impõe que:

III – quando o pré-campo é ocupado pelo Sujeito, o Verbo segue imediatamente o Sujeito: Categorias como o Objecto ou AdvP⁵ têm de ser realizadas após o Verbo, originando a ordem SVO; SVAdvO; SVOAdv.

Exemplos:

- (1) a. Ich sah den Mann gestern.
eu vi o homem ontem
b. Ich sah gestern einen Mann.
eu vi ontem um homem

IV – quando o pré-campo é ocupado por um elemento que não o sujeito (um Objecto ou uma expressão adverbial), o Sujeito só pode ser realizado depois do Verbo, originando a ordem OVS ou AdvVS.

Exemplos:

- (2) a. Den Mann sah ich gestern.
o homem vi eu ontem
b. Gestern sah ich den Mann.
ontem vi eu o homem

V – quando a frase contém dois Adverbiais, apenas um pode surgir no pré-campo; o outro tem de ser realizado depois do Verbo e do Sujeito, seguindo a ordem AdvVSAdv.

Exemplos:

- (3) a. Leider kam der Mann gestern.
infelizmente veio o homem ontem
b. Gestern kam der Mann leider.
ontem veio o homem infelizmente

⁵ Adoptamos as siglas utilizadas em Inglês.

Isto significa que o alemão proíbe sequências V-3 e a ocorrência de múltiplos constituintes no pré-campo (na primeira posição da frase).

Exemplos:

- (4) a. *Gestern der Mann kam.
ontem o homem veio
b. *Gestern leider kam der Mann.
ontem infelizmente veio o homem

A particularidade da posição do pré-campo em alemão assenta, portanto, na impossibilidade de esta poder ser ocupada por mais do que um constituinte, ao contrário do que sucede com o português, língua que permite múltiplas adjunções em início de frase (a CP ou a IP), incluindo a múltipla topicalização.

3. Questões de investigação e hipóteses de trabalho

3.1. É possível apagar um parâmetro adquirido?

Os estudos realizados no domínio do bilinguismo simultâneo (De Houwer, 1990; Köpcke, 1997; Meisel, 1989) comprovam que as crianças que crescem naturalmente com o *input* de duas línguas fixam os parâmetros sintáticos de ambas as línguas de forma independente, desenvolvendo dois sistemas gramaticais autónomos. A título de exemplo, veja-se os estudos realizados com crianças bilingues franco-alemãs, que diversos autores levaram a cabo: Meisel (1989, 2001), Meisel e Möhring (2003) e Köpcke (1997). Os autores demonstram que, logo em estágio precoce de aquisição (quando começam a utilizar estruturas multi-lexicais com verbo), estas crianças realizam diferentes ordens de palavras no alemão e no francês, utilizando, por exemplo, orações com V-final em alemão mas não em francês. Também em relação ao parâmetro V-2 é de observar uma evolução contrária nas duas línguas: logo que adquirem as categorias de flexão, as crianças constroem orações V-2 em alemão (AdvVS/OVS), mas não em francês, onde predominam as sequências AdvSV e OSV (=V3).

Segundo Rothweiler (2006), Ahrenholz (2006) e Thoma e Tracy (2006), também as crianças cujo primeiro contacto com a língua alemã se dá apenas por volta dos três/quatro anos de idade apresentam um processo de aquisição semelhante ao das crianças monolíngues: o parâmetro V-2 é uma das primeiras propriedades sintáticas a ser adquirida e correctamente aplicada após a sua aquisição, o que distingue estas crianças de falantes que adquirem a L2 em fase adulta.

Se transferirmos as conclusões dos estudos citados para o grupo de investigação em análise, é de pressupor que os falantes luso-alemães estudados adquiriram as regras sintáticas do alemão naturalmente e sem grandes problemas. A sua mudança para Portugal e conseqüente redução de *input* de alemão apenas ocorre a partir dos sete anos de idade, isto é, numa altura em que o parâmetro V-2 já se encontra adquirido.

No entanto, após a mudança de meio linguístico, no caso dos falantes do grupo 1 e 2, dá-se uma redução significativa (na maioria dos casos uma redução total) do *input*

alemão. Esta situação particular suscita uma questão crucial: *Será que os falantes que ficaram privados do contacto com uma das línguas por um extenso período continuam a possuir dois sistemas gramaticais autónomos, com os parâmetros sintácticos fixados nos valores próprios de cada língua?*

A análise do tipo de orações construídas pelos informantes deste estudo permite testar se os falantes bilingues sem contacto com o alemão continuam a dominar o parâmetro V-2 e os fenómenos sintácticos a ele associados.

3.1.1. A importância do *input* e a influência da língua dominante

Uma questão intimamente ligada à possível ocorrência de erosão sintáctica prende-se com o papel que a língua predominantemente usada poderá desempenhar no processo de erosão. Na literatura sobre erosão linguística, existem duas correntes distintas: as que atribuem um papel importante à influência 'externa', exercida pela segunda língua na erosão da primeira e as que marginalizam essa influência, valorizando factores cognitivos e psicolinguísticos 'internos'. Esta última concepção está na base da teoria da regressão (*regression hypothesis*, primeiramente sugerida por Roman Jakobson nos anos 40, cf. Schmid, 2002), segundo a qual o processo de erosão é o reverso do processo de aquisição. Ou seja, as estruturas adquiridas por último são as primeiras a serem esquecidas. Por sua vez, a mais influente teoria baseada na influência interlinguística é a hipótese de *Crosslinguistic Influence (CLI)*, inicialmente formulada por Sharwood Smith (1989), que a define como "the influence on the learner which one language system he or she possesses may have on another language system" (p.185).

Uma das conclusões proeminentes que se pode tirar do número crescente de estudos realizados no domínio de erosão linguística é que "attrition is selective" (Seliger, 1991: 228), isto é, nem todas as propriedades linguísticas são afectadas da mesma maneira por erosão. No seu estudo sobre bilingues holandeses-alemães, Jordens *et. al.* (1989) concluem que a perda de marcação de caso por parte dos bilingues investigados segue o padrão inverso à aquisição do sistema casual, apoiando a hipótese da regressão. Já Håkansson (1995), que testa esta hipótese no domínio da sintaxe, não encontra qualquer relação entre etapas de aquisição e perda sintáctica. Também Schmid (2002) apoia a *regression hypothesis* no domínio morfológico, mas rejeita-a no que concerne à sintaxe. Quanto aos estudos que apoiam a hipótese de interferência por parte da outra língua, o domínio onde mais consensualmente é atestada influência interlinguística é o léxico-semântico. No domínio sintáctico, alguns estudos apontam para a ocorrência de processos de interferência (Gürel, 2002; Köpke, 1999; Schmid, 2002; Seliger, 1991), mas não deixam de realçar que "it is often impossible to conclude whether attrition is more influenced by external (L2) or internal (simplification) factors, since most attrition studies investigated an analytical language (English) as L2" (Köpke, 2004: 19).

Uma segunda questão fundamental no estudo da perda de competência relaciona-se com a importância do *input* neste processo. Embora instintivamente possamos acreditar que o contacto com a língua seja essencial à sua manutenção, a questão do *input* não é consensual entre os investigadores, já que alguns autores asseveram não

encontrar ligação entre a ocorrência de erosão e o tipo / a frequência de contacto com a língua em deterioração (*vide* discussão de Köpke, 2004). Já Sharwood Smith e Van Buren's (1991: 23) sugerem que "external evidence is needed not only for developing a language system, but also for maintaining it". Relacionando a importância do *input* com a influência da segunda língua, Köpke (2004: 20) conclui que "in the absence of sufficient L1 evidence due to lack of contact, the subject would rely on L2 input which would inevitably cause L2 interference".

3.1.2. O factor idade

Os estudos que focam a aquisição bilingue dão um especial relevo ao factor idade no desenvolvimento da competência linguística do falante bilingue. Parte-se do pressuposto de que existem substanciais diferenças entre a aquisição de uma segunda língua por parte de crianças e por parte adultos (Long, 1993), atribuída por muitos à hipótese de existência de um período crítico para aquisição da língua (Johnson/Newport, 1989). Sugerida por Lenneberg (1967), a *critical period hypothesis* postula que a mente humana, ao alcançar os seus valores adultos durante a puberdade, perde plasticidade e a capacidade de reorganização indispensável ao processo de aquisição linguística. Embora estudos subsequentes tenham provado que a idade limite de tal período seja muito anterior à puberdade e que o período crítico não acaba abruptamente como implicado na visão de Lenneberg, a hipótese de existência de tal período mantém-se válida e é defendida por muitos investigadores tanto em relação à aquisição de L1 como de L2 (Krashen/Scarcella, 1982; Johnson e Newport 1989; Newport 1990; Pallier *et al.* 2003). No entanto, em vez da suposição de um período com fim abrupto, crê-se que existem várias fases sensíveis (*sensitive periods*, Oyama, 1976), durante as quais as diferentes componentes da língua (fonologia, morfologia e sintaxe) são adquiridas de forma gradual. Sendo sujeita a maturação, a capacidade de aquisição linguística (*Language-Making Capacity*, cf. Slobin 1985), após passar pelos vários estados óptimos durante os quais integra a nova informação, cai em declínio e torna-se parcialmente inacessível.

A estreita relação entre o desenvolvimento linguístico e a idade também é atestada no campo da erosão linguística. O factor idade é apontado como sendo o mais importante na ocorrência de perda de competência. Todos os estudos que incidem sobre erosão ocorrida na infância reportam substanciais alterações da competência linguística das crianças estudadas (Kaufman, 2001; Kaufman e Aronoff, 1991; Nicoladis e Grabois, 2002) Pallier *et al.*, 2003; Vago, 1991), facto que não pode ser dissociado da concepção da aquisição linguística como processo de maturação. Se a aquisição da língua é um processo gradual de maturação, existe um período na infância em que o sistema linguístico não está estabilizado. Ora, não estando completamente estabilizado na mente humana, em condições de privação de contacto, essa língua poderá ser substituída por outra, como defendem Köpke e Schmid (2004):

"it takes a certain number of years for the L1 to be completely established in the human mind/brain, and [...] before this moment, the L1 can be easily replaced by another language". (p.20)

3.2. Hipóteses de trabalho

No presente estudo, a selecção de informantes que apresentam variação quanto ao contacto que mantêm com o alemão (contraste tipo 2 – tipo 3) permite testar se este factor interfere, efectivamente, na ocorrência de processos de erosão linguística. Por outro lado, as diferenças nas idades de regresso (contraste tipo 1 – tipo 2/3) permite aferir da importância do factor idade neste processo.

Parte-se das seguintes hipóteses de trabalho:

– Existe uma fase de maturação para a aquisição de uma ou mais línguas, que atinge o seu pico entre os quatro e os sete anos de idade. Por volta dessa idade é suposto a criança ter adquirido a(s) língua(s) à qual/ às quais tem sido exposta. Esta fase de maturação é seguida de uma fase de estabilização, que culminará numa competência linguística estável durante a puberdade, se for mantido o grau de *input* recebido.

– Se a falta de *input* de uma das línguas ocorrer durante a fase de estabilização da competência adquirida (entre os 7/8 anos e a puberdade) poderá impedir o processo de estabilização e levar a uma competência instável.

– Se a falta de *input* ocorrer após a fase de estabilização (após a puberdade), a competência linguística do falante bilingue estará estabilizada. Eventuais processos de erosão serão de natureza diferente dos observados em falantes que perderam o contacto com uma das línguas antes da puberdade. Poderão ser consequência da falta de uso e de uma inibição insuficiente da língua predominantemente usada.

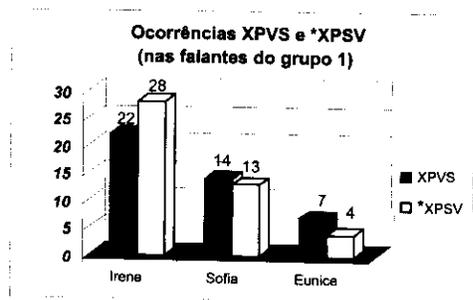
4. Resultados

4.1. Sequências XPVS e *XPSV

Os únicos contextos sintáticos que permitem testar se os falantes dominam o parâmetro V-2 são aqueles em que o primeiro constituinte da frase não é o Sujeito, uma vez que, nestes casos, a imposição V-2 obriga o Sujeito a permanecer à direita do Verbo, movido para a segunda posição da frase, originando a sequência XPVS. Por isso, para efeitos de contagem, foram apenas contabilizadas as frases iniciadas por outros constituintes que não o sujeito.

Os dados extraídos da análise dos registos das três falantes do tipo 1 revelam que todas elas constroem contextos que exigem VS, isto é, orações-raiz iniciadas por elementos que não são sujeito. Nos casos de Eunice e Sofia, respectivamente 26% e 32% das frases produzidas satisfazem este critério. Já no caso de Irene, a taxa de realização de contextos VS sobe para 67%.

Num segundo passo, verifiquemos se estas orações iniciadas por constituintes não-sujeito estão construídas segundo a exigência V-2. O quadro 1 apresenta o número de ocorrência de orações gramaticais (XPVS) e de orações agramaticais (*XPSV):



Quadro 1: Ocorrência de Sequências XPVS e *XPSV (Falantes Tipo 1)

Um facto a realçar é que as três falantes sabem aplicar correctamente a regra V-2. Irene constrói 22 orações XPVS, Sofia 14 e Eunice 7. Em todas, o sujeito permanece à direita do verbo.

Exemplos:

- (5) a. Dann haben wir ne Frau. (Irene)
depois temos nós uma mulher
b. Hier in Portugal hab ich schon das gesehen. (Sofia)
aqui em Portugal tenho eu já isso visto
c. Hier bezahlen wir und in Deutschland nicht. (Eunice)
aqui pagamos nós e na Alemanha não

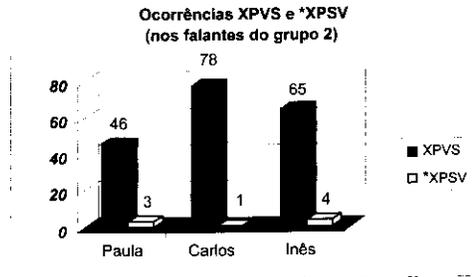
Estes dados demonstram que as falantes não perderam o domínio do parâmetro V-2. Uma vez que a ocorrência das sequências XPVS não pode ser explicada com recurso ao Português, a sua realização só pode ser atribuída ao conhecimento da regra V-2.

No entanto, nos registos das três falantes, as sequências gramaticais XPVS co-ocorrem com sequências agramaticais do tipo *XPSV. Irene é a falante que apresenta a taxa mais alta de desvio a V-2 (56%). Sofia constrói 48% e Eunice 36% de orações *XPSV.

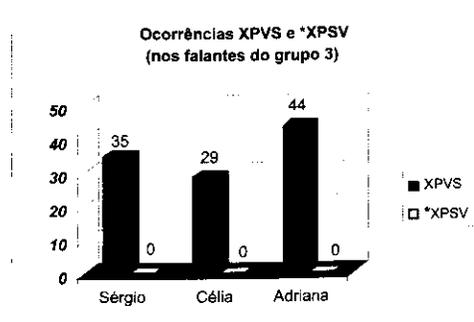
Exemplos:

- (6) a. *In Portugal die sind mehr. gastadores[?] (Irene)
em Portugal eles são mais gastadores[?]
b. *Mit neun Jahre ich kam zu Portugal. (Sofia)
com nove anos eu vim para Portugal.
c. *Hier in Portugal die Familie esse/ (Eunice)
aqui em Portugal a família come/

Os dados das falantes do tipo 1 contrastam com os dados dos restantes falantes (tipo 2 e 3) quanto à ocorrência de sequências agramaticais do tipo *XPSV:



Quadro 2: Ocorrência de Sequências XPVS e *XPSV (Falantes Tipo 2)



Quadro 3: Ocorrência de Sequências XPVS e *XPSV (Falantes Tipo 3)

No caso dos falantes que mantêm contacto activo com o alemão (tipo 3), os dados são uníssonos: nenhum constrói orações *XPSV. Nos registos dos falantes do tipo 2 (sem *input* contínuo do alemão), a situação é muito semelhante; no entanto, aqui são de observar ocorrências esporádicas da ordem agramatical *V-3. A sua taxa de ocorrência mantém-se, porém, em percentagens muito baixas (1%-6%), que também podem ocorrer no discurso de falantes nativos (cf. Schlyter, 1993).

4.1.1. Discussão

Os dados extraídos da comparação entre os três tipos de falantes revelam que existe um claro contraste entre o desempenho dos falantes com regresso precoce a Portugal (até aos dez anos) e os falantes que regressaram a partir da puberdade (a partir dos doze anos de idade). No caso do primeiro grupo de falantes, a taxa de realização de ordens frásicas agramaticais, isto é, que violam a regra V-2, é bastante elevada (ronda os 50%), enquanto que os falantes com regresso mais tardio apresentam números de ocorrência de sequências agramaticais quase nulos.

O confronto de dados dos três grupos analisados demonstra que o factor idade tem um peso fundamental na ocorrência de fenómenos de erosão, pois apenas as falantes que perderam o *input* do alemão em fase precoce da infância apresentam instabilidade na realização do parâmetro V-2. Já os falantes que perderam o *input* da segunda língua em fase mais tardia não revelam dificuldades em relação a V-2.

Da análise apresentada é de reter um segundo dado: as falantes do tipo 1 demonstram debilidades quanto a V-2, mas não perderam o domínio desta regra, já que também constroem orações XPVS. Ou seja, as falantes demonstram terem adquirido a regra V-2; porém, a privação de *input* impediu que o parâmetro se estabilizasse. Esta observação reitera a opinião dos autores que defendem um período de estabilização da língua adquirida. Embora não haja consenso sobre a idade em que “the L1 can be considered to be fixed” (Köpke e Schmid, 2004: 20), a maioria dos estudos aponta para que este processo de estabilização termine na puberdade:

“There is mounting evidence of ongoing interaction between the two languages in younger bilinguals [...], but by adolescence, it is assumed that this process would have stabilized.” (Hakuta e d’Andrea, 1992: 73/74)

Os nossos dados confirmam que a faixa etária dos onze/doze⁶ anos constitui um limite decisivo no desenvolvimento da competência sintáctica dos falantes bilingues. Para que os parâmetros sintácticos adquiridos se estabilizem totalmente é necessário que o falante receba o *input* linguístico necessário até esta idade.

É ainda possível extrair dos dados apresentados uma terceira observação importante: o desempenho dos falantes do tipo 2 e 3 varia pouco em relação à realização de sequências XPVS/*XPSV. Os falantes que mantêm contacto regular com o alemão não constroem a ordem agramatical *XPSV, enquanto que, nos falantes do tipo 2, a sua realização é esporádica e pouco significativa, o que realça a ideia de que, uma vez estabilizado, o parâmetro V-2 não volta a desestabilizar-se, isto é, já não é afectado pelos factores ‘tipo/frequência de contacto’ e ‘tempo desde o regresso’.

⁶ Este limite é definido a partir dos dados extraídos do *corpus* de que dispomos. Naturalmente não deve ser entendido como um limite etário rigidamente definido, pois pode variar de falante para falante.

No caso das falantes Paula e Inês, do grupo 2, que regressaram a Portugal com doze anos, não é possível definir em que momento de facto se deu a perda de contacto activo com a língua alemã, já que ambas têm irmãs, com as quais continuaram a comunicar em alemão durante algum tempo (provavelmente alguns meses). É possível que a perda de contacto se tenha dado apenas por volta dos treze anos de idade, pelo que o fosso etário entre o grupo 1 e o grupo 2 seja de aproximadamente três anos.

No entanto, existem outros fenómenos sintácticos que são detectados nos registos dos falantes sem contacto com o alemão, mas não surgem no *corpus* dos falantes com *input* regular, o que sugere que os factores 'tipo/frequência de contacto' e 'tempo desde o regresso' tenham influência decisiva na ocorrência de outros fenómenos de interferência linguística. Seguidamente, será analisado um destes fenómenos por estar intrinsecamente ligado ao parâmetro V-2: a ocorrência de múltiplos elementos na primeira posição da frase alemã.

4.2. Múltiplos elementos no pré-campo

Como foi discutido em 2.3., a regra V-2 do alemão proíbe a ocorrência de múltiplos constituintes na posição à esquerda do verbo finito.

Não obstante esta rigidez formal do pré-campo, a posição na periferia esquerda da frase tem uma importante funcionalidade discursiva, característica comum à maioria das línguas naturais, captada, por exemplo, pela cartografia da periferia esquerda apresentada por autores como Rizzi (1997). É a posição preferencial de topicalização e de ocorrência de certos adverbiais com função discursiva (os *frame_adverbials*) ou contextualizadora (adverbiais de tempo).

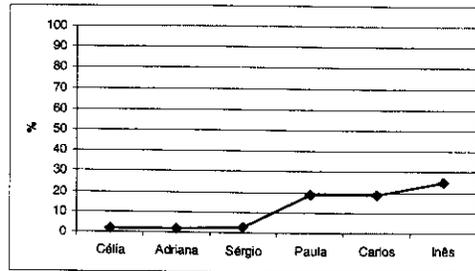
Nas frases em que mais do que um dos elementos apresentam valor discursivo marcado, o português – língua que não tem a restrição V-2 – permite a múltipla adjunção destes elementos em início de frase⁷. Já o alemão – limitado pela imposição V 2 – permite apenas a realização de um deles em início de frase, enquanto que o segundo tem de permanecer numa posição à direita do Verbo.

Exemplos:

- (7) a. Português: **Infelizmente**, esse livro dei(-o) à Susana.
 b. Alemão: ***Leider** dieses Buch habe ich Susana geschenkt
infelizmente esse livro Vaux_{fn} eu Susana^{Dat} dar[V_{part}]
Leider habe ich das Buch Susana geschenkt.
infelizmente Vaux_{fn} eu esse livro Susana^{Dat} dar[V_{part}]

Esta diferença entre o alemão e o português – a possibilidade de múltipla adjunção ao CP ou ao IP no Português e a sua proibição no alemão devido à regra V-2 – parece causar dificuldades aos falantes luso-alemães privados do contacto com a língua alemã (tipo 2). A comparação dos dados dos dois tipos de falantes (2 e 3) demonstra uma clara subida de ocorrência de orações com múltiplos constituintes na sua periferia esquerda, nos falantes do tipo 2 relativamente aos falantes do tipo 3:

⁷ Seguindo Barbosa (2000), assumimos que os tópicos e os advérbios de frase estão numa posição de adjunção (a CP em frases raiz e IP em orações subordinadas).



Quadro 3: Taxa de ocorrência de múltiplos constituintes no pré-campo (em %) (Falantes Tipo 2 e Tipo 3 em contraste)

Exemplo:

- (8) a. *Sonst das verstehe ich nicht. (Paula)
senão isso entendo eu não

O exemplo transcrito apresenta uma violação da estrutura V-2 da frase alemã. A posição de pré-campo é preenchida pelo Objecto *das*, movido (por topicalização) da sua posição base dentro do VP para o pré-campo. Como determina o efeito V-2, uma vez que Spec,CP está ocupado, o Sujeito (*ich*) move-se apenas para Spec,IP, mantendo-se, portanto, abaixo do Verbo, movido da sua posição base para C°. Todos estes movimentos, representados em (8b), satisfazem as exigências sintáticas do Alemão.

- (8) b. [_{CP} das_i verstehe_i [_{IP} ich_k [_{VP} t_k t_j nicht t_j]]]

No entanto, ao contrário do que determina o efeito V-2, na frase (8a), um segundo elemento precede o NP movido: o adverbial *sonst* ('senão'), levando a um duplo preenchimento do pré-campo, o que não é permitido no Alemão.

Outros exemplos dos registos dos falantes do tipo 2 (Paula, Carlos e Inês) são:

- (9) a. ***Leider** mit diesem Unfall starb starb der Ehemann. (Carlos)
infelizmente com este acidente faleceu faleceu o marido
 b. *Aber Deutsch zum ersten Mal hab ich gelernt (Carlos)
mas Alemão pela primeira vez Vaux_{fin} eu aprender[V_{part}]
 c. *Das schon sagte mein Mann (Inês)
isso já dizia o meu marido

4.2.1. Discussão

Olhando para os registos apresentados, um dos aspectos a realçar prende-se com a posição do Sujeito. Como exemplificado nas frases (8a) e (9a-c) o Sujeito percorre o movimento característico das orações V-2: quando o pré-campo está ocupado por um constituinte de outra natureza, o Sujeito move-se apenas até Spec,IP, permanecendo à direita do verbo. Ora, este facto constitui um indício muito forte da estabilidade do parâmetro V-2 nestes falantes, uma vez que os principais movimentos sintácticos aliados ao efeito V-2 – o movimento do verbo para C° e do sujeito para Spec,IP – não são afectados. Consequentemente, a variação observada tem de ser restringida exclusivamente ao domínio de CP. Ao produzirem orações com múltiplos constituintes em início de frase, os falantes introduzem no seu sistema gramatical uma regra que o alemão não possui: a múltipla adjunção na periferia esquerda da frase. Ao fazê-lo, contrariam uma imposição sintáctica associada ao parâmetro V-2, não violando, todavia, os principais movimentos deste parâmetro (ao contrário do que foi observado nos falantes do tipo 1).

Falta, neste momento, uma reflexão sobre a importância do português neste processo. Como vimos, não possuindo a imposição V-2, o português permite a ocorrência de múltiplos constituintes em início de frase. Portanto, o português tem uma regra sintáctica que o alemão não possui, o que nos permite concluir que, ao construírem orações com um pré-campo duplamente preenchido, os falantes em análise introduzem no alemão uma regra da sua língua dominante, o português.

5. Conclusão

Os dados apresentados permitiram dar mais um passo na tentativa de caracterizar o complexo processo de erosão linguística. Por um lado reforçaram a suposição de que os parâmetros sintácticos, uma vez adquiridos, não são apagados por falta de *input*: mesmo os falantes que regressaram a Portugal muito cedo (por exemplo, Eunice, com sete anos) e nunca mais contactaram activamente com a língua alemã sabiam aplicar correctamente o parâmetro V-2 do alemão. No entanto, o papel do *input* é importante na estabilização da competência adquirida. O desempenho dos falantes com regresso precoce demonstra que é necessário *input* regular das duas línguas até à idade em que termina o processo de estabilização da competência linguística. A comparação dos falantes do tipo 1 e 2 atesta que essa faixa etária ronda os onze/doze anos de idade.

Demonstrou-se ainda que o factor '*input*' continua a ter um papel importante após a fase de estabilização da competência adquirida. Mesmo tendo uma competência estável, os falantes que regressaram a Portugal a partir dos doze anos de idade e deixaram de utilizar o alemão como língua de comunicação, apresentam fenómenos de interferência sintáctica não detectados nos falantes com uso activo do alemão, permitindo concluir que a falta de *input* aumenta o nível de influência da língua dominante sobre a língua em desuso. Uma forma de influência consiste na transferência de uma regra sintáctica da língua dominante para a língua inactiva.

Referências

- Ahrenholz, B. (2006) Wortstellung in mündlichen Erzählungen von Kindern mit Migrationshintergrund. In B. Ahrenholz (org.) *Kinder mit Migrationshintergrund. Spracherwerb und Fördermöglichkeiten*. Freiburg: Fillbach, pp. 221 – 240.
- Altenberg, E. (1991) Assessing first language vulnerability to attrition. In. H. Seliger e R. Vago (orgs.) *First language attrition*. Cambridge: CUP, pp. 189-206.
- Barbosa, P. (2000) Clitics: a Window into the Null Subject Property. In J. Costa (org.), *Portuguese Syntax: Comparative Studies*. New York: Oxford Press, pp. 31-93.
- Chomsky, N. (1981) *Lectures on Government and Binding*. Dordrecht: Foris.
- De Houwer, A. (1990) *The Acquisition of Two Languages from Birth: A Case Study*. Cambridge: CUP.
- Gürel, A. (2002) Attrition in L1 competence: The case of Turkish. In. M. Schmid, B. Köpke, M. Keijzer e L. Weilemar (orgs.) *First language attrition: Interdisciplinary perspectives on methodological issues*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 225-242.
- Håkansson, G. (1995) Syntax and morphology in language attrition. A study of five bilingual, expatriate Swedes. *International Journal of Applied Linguistics* 5, pp. 153-171.
- Johnson, J./Newport, E. (1989) Critical period effects in second language learning. *Cognitive Psychology* 21, pp. 60-99.
- Jordens, P./de Bot, K./Trapman, H. (1989) Linguistic aspects of regression in German case marking. *Studies of Second Language Acquisition* 11, pp. 179-204.
- Kaufman, D. (2001) Tales of L1 attrition – Evidence from pre-puberty children. In. T. Ammerlan, M. Hulsen, H. Strating e K. Yamur (orgs.) *Sociolinguistic and psycholinguistic perspectives on maintenance and loss of minority languages*. Münster: Waxmann, pp. 185-202.
- Kaufman, D./Aronoff, M. (1991) Morphological disintegration and reconstruction in first language attrition. In. H. Seliger e R. Vago (orgs.) *First language attrition*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 175-188.
- Köpke, B./Schmid, M. (2004) Language attrition: The next phase. In. M. Schmid, B. Köpke, M. Keijzer e L. Weilemar (orgs.) *First language attrition: Interdisciplinary perspectives on methodological issues*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 1-47.
- Köpke, B. (2004) Neurolinguistic aspects of attrition. *Journal of Neurolinguistics* 17 (1), pp. 3-30.
- Köppe, R. (1997) *Sprachentrennung im frühen bilingualen Erstspracherwerb: Französisch/Deutsch*. Tübingen: Narr.
- Krashen, S./Scarcella, R./Long, M. (orgs.) (1982) *Child-adult differences in second language acquisition*. Rowley, Mass.: Newbury House.
- Lenneberg, E. (1967) *Biological foundations of language*. New York: Wiley.
- Long, M. (1993) Second Language Acquisition as a function of age: research findings and methodological issues. In. K. Hyltenstam e A. Viberg (orgs.) *Progression and regression in language*. Cambridge: CUP, pp. 196-221.
- Meisel, J. (1989) Early differentiation of languages in bilingual children. In. K. Hyltenstam e L. Obler (orgs.) *Bilingualism across the lifespan: aspects of acquisition, maturity, and loss*. Cambridge: CUP, pp. 13-40.
- Meisel, J. (2001) The simultaneous acquisition of two first languages: Early differentiation and subsequent development of grammars. In. J. Cenoz e F. Genesee (orgs.) *Trends in Bilingual Acquisition*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 11-41.

- Meisel, J. (2007) Child Second Language Acquisition or Successive First Language Acquisition?, comunicação apresentada no *Workshop Issues on Bilingualism*, 23/02/2007, Braga, Universidade do Minho.
- Meisel, J./Möhrig, A. (2003) The Verb-Object Parameter in simultaneous and successive acquisition of bilingualism. In: N. Müller (orgs.) *(In)vulnerable domains in Multilingualism*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, pp. 295-334.
- Olshtain, E./Barzilay, M. (1991) Lexical retrieval difficulties in adult language attrition. In: H. Seliger e R. Vago (orgs.) *First language attrition*. Cambridge: CUP, pp.139-150.
- Oyama, S.C. (1976) A sensitive period for the acquisition of a nonnative phonological system. *Journal of Psycholinguistic Research* 5 (3), pp. 261-283.
- Pallier, C./Dehaene, S./Poline, J.-B./LeBihan, D./Argenti, A.-M./Dupoux, E./Mehler, J. (2003) Brain Imaging of Language Plasticity in Adopted Adults: Can a Second Language Replace the First? *Cerebral Cortex* 13, pp. 155-161.
- Rizzi, L. (1997) The Fine Structure of the Left Periphery. In: L. Haegeman (org.) *Elements of Grammar*. Dordrecht: Kluwer, pp. 281-337.
- Rothweiler, M. (2006) The acquisition of V2 and subordinate clauses in early successive acquisition of German. In: C. Lleó (org.) *Interfaces in Multilingualism*. Amsterdam: John Benjamins, pp. 91-113.
- Schlyter, S. (1993) The weaker language in bilingual Swedish-French children. In: K. Hyltenstam e A. Viberg (orgs.) *Progression and regression in language: socio-cultural, neuropsychological and linguistic perspectives*. Cambridge: CUP, pp. 289-308.
- Schmid, M. (2002) *First language attrition, use, and maintenance. The case of German Jews in anglophone countries*. Amsterdam: John Benjamins.
- Sharwood Smith, M. (1989) Crosslinguistic influence in language loss. In: K. Hyltenstam e L. K. Obler (orgs.) *Bilingualism across the lifespan*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 185-201.
- Sharwood Smith, M./van Buren, P. (1991) First language attrition and the parameter setting model. In: H. Seliger e R. Vago (orgs.) *First language attrition*. Cambridge: CUP, pp.17-30.
- Slobin, D. (1985) Crosslinguistic Evidence for the Language-Making Capacity. In: D. Slobin (org.) *The Crosslinguistic Study of Language Acquisition*, vol.2. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, pp.1157-1249.
- Sorace, A. (2007) Attrition vs. incomplete acquisition in bilinguals, comunicação apresentada no *Workshop Issues on Bilingualism*, 23/02/2007, Braga, Universidade do Minho.
- Thoma, D./Tracy, R. (2006) Deutsch als frühe Zweitsprache: zweite Erstsprache? In: B. Ahrenholz (org.) *Kinder mit Migrationshintergrund. Spracherwerb und Fördermöglichkeiten*. Freiburg: Fillbach, pp. 58-79.